

# **O OLHAR GEOGRÁFICO-LITERÁRIO DOS TESOUROS POÉTICOS DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ**

**THE GEOGRAPHIC-LITERARY LOOK OF THE POETIC  
TREASURES OF SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ**

**LA MIRADA GEOGRÁFICO-LITERARIA DE LOS TESOROS  
POÉTICOS DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ**

## RESUMO

O artigo discute a poesia de Sor Juana Inés de la Cruz, poetiza monja mexicana que, a partir de uma geografia vulcânica, montanhosa e engastada entre esses dois grandes oceanos, tornou poesia não apenas esta geografia, como situação, mas também a história atormentada, sangrenta e milenar do planalto de Anauc. Representante da poesia barroca, seus versos são repletos de imagens do cosmo, com imagens noturnas, da pirâmide projetando a terra sobre a lua e as remotas estrelas. História e geografia se entrelaçam em seu retrato espiritual por espaços alegres, por sua experiência de um mundo e pela busca do saber.

**Palavras-chave:** Poesia mexicana. Barroco. Lugar. Geografia e Literatura.

## ABSTRACT

This paper discusses the poetry of Sor Juana Inés de la Cruz, a Mexican poetess monk, that from a volcanic, mountainous geography embedded between two great oceans, made poetry not only this geography, as a situation, but also the tormented, bloody and millennial history of the Anauc plateau. Representative of the Baroque poetry, her verses are full of images of the cosmos, with night images, of the pyramid projecting the earth over the moon and the remote stars. History and geography intertwine in their spiritual portrait through joyful spaces, for their experience of a world and the search for knowledge.

**Keywords:** Mexican poetry. Baroque. Place. Geography and Literature.

## RESUMÉN

El artículo discute la poesía de Sor Juana Inés de la Cruz, poetisa monja mexicana que, desde una geografía volcánica, montañosa e incrustada entre esos dos grandes océanos, hizo poesía no solo esta geografía, como situación, sino también la historia atormentada, sangrienta y milenaria de la meseta de Anauc. Representante de la poesía barroca, sus versos están llenos de imágenes del cosmos, con imágenes nocturnas, de la pirámide proyectando la tierra sobre la luna y las estrellas remotas. Historia y geografía se entrelazan en su retrato espiritual por espacios alegres, por su experiencia de un mundo y por la búsqueda del saber.

**Palabras-clave:** Poesia mexicana. Barroco. Lugar. Geografía y Literatura.

“A verdade é que a história do México é uma história à imagem e semelhança de sua geografia: abrupta e tortuosa. Cada período histórico é como uma meseta fechada entre altas montanhas e separadas das outras por precipícios e despenhadeiros.”

Octavio Paz (2017, p. 19-20)

Esta epígrafe nos revela uma assombrosa realidade da história e da geografia do México. Tempos e espaço se nos apresentam interligados, como um todo. É como se o fio da história tivesse urdido, abraçando civilizações antigas e antagônicas. É como se os filamentos da geografia, com suas montanhas, mesetas, vulcões e lagunas, fossem sutilmente tecendo e redesenhando, a cada ruptura, um novo quadro cultural e social do México.

A história mexicana é uma sucessão de intensas mudanças, com rompimentos inesperados. Apesar de suas rivalidades e diversidades, os impérios asteca e maia constituíam uma civilização próspera e organizada. A grande mudança se deu com a violenta conquista com a vinda dos castelhanos, portando no bojo, uma outra civilização. Traziam uma outra visão de mundo, com outros valores, crenças, símbolos, divindades, armas. Enfim, era outra civilização chegando e provocando choques, surpresas e espantos.

Ao tomar posse destas terras mexicanas e governá-las, a coroa de Castela instala o vice-reinado da Nova Espanha. Para tanto, trouxe um séquito constituído de aristocratas, funcionários burocratas, missionários, militantes, compreendendo uma verdadeira corte majestosa, completa com seus personagens e aparatos, inclusive a inquisição.

Ao período histórico da Nova Espanha se segue a Revolução Mexicana da Independência, passando pelo interregno do governo do imperador Maximiliano, que legou ao México lutas e perdas de grandes extensões territoriais e o alcance da plena independência, constituindo-se um estado soberano.

Porém, foi na Nova Espanha, do século XVII, em um contexto geográfico, histórico, palaciano, conventual e principalmente barroco, é que desabrochou toda a obra literária da *crioulla* Soror Juana Inés de la Cruz.

Contamos para nossas leituras e redações com a valiosa “*História de la vida cotidiana en México*” (2005), dirigida por Pilar Gonzalbo Aizpuru, e especialmente, como o tomo “*II La Ciudad Barroca*” (2009) coordenado por Antonio Rubial Garcia. Esta obra sobre os aspectos diversos da existência cotidiana na Nova Espanha, com detalhes ricos, compreendendo a vida social, religiosa, palaciana, econômica, cultural. Completa nossa referência, incluindo o livro seminal das vivências de “Soror Juana Inés de la Cruz, ou armadilhas da fé”, por Octavio Paz (2017).

## Nova Espanha no século XVII

“La era barroca en México (sobre todo desde la segunda mitad del siglo XVII) fue la primera que tuvo necesidad de representar su entorno social plásticamente, hay un interés por desear constancia de costumbres y espacios.”

Rubial Garcia (2005, p. 15)

A Nova Espanha barroca, apesar de ter sido dominada pela coroa espanhola, não se assemelhava com a própria Espanha, nem com o México pré-colombiano, muito menos com o atual. O vice-reinado da Nova Espanha não pode ser considerado tradicionalmente como colônia. Pois, fora outro reino dos reinos submetidos à Coroa, análogo aos reinos de Castela, Aragão, Navarra ou Leon. A fidelidade da Nova Espanha era ao rei espanhol e não à Espanha, tendo florescida durante os séculos XVII e XVIII, sob a casa dos Áustrias e sua decadência se iniciou sob os Bourbons. O curioso foi que os nascidos na Nova Espanha não foram tratados como espanhóis peninsulares, mas sim como *crioullos*. Pode-se afirmar que nesse período, a organização econômica era mercantilista; quanto ao Estado era absolutista; enquanto o governo e a administração eram patrimonialistas. O poder político e militar eram praticados por espanhóis natos; ao passo que o poder econômico correspondia aos *crioullos* e o poder religioso era partilhado com uns e outros.

A sociedade do vice-reinado era constituída pelos espanhóis palacianos, pelas altas patentes militares e pelos altos dignitários religiosos, que exerciam o poder sobre tudo e sobre todos. Os *crioullos* brancos, aqui nascidos, eram os donos de fazenda e contribuía, economicamente, para o crescimento e desenvolvimento do vice-reino. Os indígenas remanescentes do império asteca, constituía a maioria da população, sendo explorados e excluídos do poder. Os escravizados, em geral, negros africanos, faziam os afazeres domésticos, labutavam nas lavouras e nas minas. Os mestiços, também em grande número, produto da mestiçagem, exerciam os mais variados misteres. Todos estes, com exceção da cúpula, eram vítimas de uma administração corrupta e suportavam impostos onerosos.

Ora, voltaremos nossos olhares geográficos e históricos, para as vidas palaciana e cotidiana de Sor Juana Inés, se movimentando nas cidades da Nova Espanha.

## Lugares geográficos

“[...] o “lugar” está ligado a vivências individuais e coletivas a partir do contato do ser com seu entorno; [...]”  
Werther Holzer (2012, p. 291)

Em linhas gerais, a tormentosa geografia mexicana se revela sulcada de cordilheiras e montanhas, pontilhada de planaltos e mesetas, salpicada de vales e depressões e a convivência presente do vulcanismo, com sismos frequentes, e ao norte estendem-se regiões áridas e semi-áridas.

O sistema de serranias se divide em: Serra Madre Oriental, ao longo da vertente atlântica, Serra Madre Ocidental acompanha a vertente pacífica e ao sul a Serra Madre Meridional. Entre essas altas pontiagudas serras se estende o planalto de Anáhuac, com férteis vales incrustados, propiciando atividades agrícolas. Os vulcões se esparramam pelo território, com seus cumes brancos de neves eternas e fumegantes. O mais alto é o Orizaba (Citlaltepec, a montanha da Estrela), o Popocatepetl (ainda ativo) e o Istaccihult (mulher branca e já extinto) são os mais emblemáticos e famosos. São as verdadeiras sentinelas guardando o planalto. Os terremotos são comuns e atingem, às vezes, grandes extensões, com catastróficos resultados em suas áreas de atuação.

Estes lugares geográficos, este entorno de vivências foram habitados por um povo triunfador e guerreiro: os astecas. Dominavam todos os pequenos grupos ao longo de todo o planalto e a meseta de Anauac, com mão de ferro, até a chegada das tropas castelhanas. O imperador era Montezuma II e o conquistador Herman Cortês. Aquele, contava com um numeroso exército e era o senhor de várias nações. Este, com alguns soldados, canhões, cavalos, com a sede de ouro e de prata e, principalmente com uma garra surpreendente de vencer. E venceu, tomou posses das extensões deste império asteca.

## Época histórica

“Nossa história é um texto cheio de trechos escritos com tinta preta e outros escritos com tinta invisível.”  
Octavio Paz (2017, p. 19)

No entanto, aqui, neste texto, o período que mais nos interessa, não é a conquista ou a decadência, nem a grande ruptura, mas sim, a formação e o desabrochar do vice-reino da Nova Espanha, no novo mundo. “Em vez de conceber a História do México como um processo linear, deveríamos vê-la como uma justaposição de sociedades diferentes” (Paz, 2015, p. 22). Aliás, as sociedades astecas e da Nova Espanha continuaram a existir uma ao lado da outra. Apesar, do vice-reinado ter se estendido desde o século XVI até o XIX, nestes três

séculos, continuaram justapostas às outras sociedades pré-colombianas.

A Nova Espanha construiu-se em um “país” próspero e ordenado, com perturbações, epidemias, fome, revoltas; contudo a presença de ordem pública prevalecia. Porém, a base de seu ordenamento provinha, em parte, de suas raízes castelhanas. Bases estas, vinculadas às expansões territoriais, aos comércios de mercadorias, às explorações das minas de ouro e de prata, aos domínios das ordens religiosas, às construções de igrejas e conventos.

Durante os séculos XVI e XVII, foram reis Felipe IV e Carlos II, da Casa dos Áustrias e com Felipe V é que se instala a Casa de Bourbon. Foi o auge e o início da decadência da Espanha. O auge foi o século de ouro de maior esplendor nas artes e nas letras. Podendo-se enumerar uma plêiade, dentre vários, os que mais se destacaram. Na pintura, Velázquez com seu colorido e seus traços, retratando reis, príncipes, infantas, com destaque o famoso quadro “*Las Niñas*”. Foi o pintor oficial da corte. Nas letras, Tirso de Molina, um frade que se sobressaiu com comédias e dramas. O seu sedutor Don Juan, é um personagem universal. Calderón de la Barca deixou uma variedade de peças de teatro, autos, poemas e sua famosa comédia filosófica “*La vida es sueño*”. Lope de la Vega foi um artista tão exuberante quanto Shakespeare. Sua obra cobria desde teatro com dramas, até comédias até uma poesia lírica.

Em meados do século XVII, a Espanha perde sua supremacia na Europa. Holanda e Inglaterra começam a dominar os mares e as possessões de além mar.

## A luxuosa corte de Nova Espanha

“Esta “presencia” capaz de convertir a la antigua Tenochtitlan en una corte a semejanza de las de la Europa de aquella época, era la del aristocrata que durante un período de cuatro a cinco años gobernaba estas tierras en nombre del monarca, con el título de Vicerrey de Nueva Espanha.”

Escamilla González (2005, p. 371)

Com pompa e magnificência se movimentava toda a corte da Nova Espanha, na cidade do México. Apenas, também, a cidade de Lima que desfrutou, no período colonial espanhol de prerrogativas de vida cortesã. A capital mexicana, pela beleza de suas ruas e edifícios e pela fidalguia e opulência de seus moradores, podia, perfeitamente, competir nada menos, com a real cidade de Madri, onde vivia o rei e toda a sua corte.

O vice-rei veio, em 1535, para substituir o poder dos “encomenderos”. Pois, “encomenda” foi a instituição colonial nas Américas Espanholas, baseada na repartição dos índios, entre os conquistadores. Os índios tinham que trabalhar ou pagar um tributo ao seu dono, o “encomendero”, com a obrigação de ensinar-lhes a religião cristã e instruí-los segundo as “Leis das Índias”. A cobiça era tanta que os índios chegaram a ser escravizados.

O território do vice-reinado da Nova Espanha se estendia ao norte e ao sul, até as regiões dos Maias. A autoridade mor se estendia até a América Central, incluindo as capitânias gerais da Guatemala e da Venezuela. O controle do comércio em direção da Ásia incluía as riquezas das Filipinas, dominando parte do Pacífico.

A elite *crioulla* copiou os usos e costumes palacianos da corte de Madri, surgindo, assim, uma oligarquia local, convertendo a sociedade com os princípios hierárquicos e cortesãos. O estilo de vida dos vice-reis e os anseios dos locais, levou à integração do palácio com sociedade *crioulla*. Tudo acompanhando as manifestações festivas, religiosas, artísticas e literárias. O significado da posição do vice-rei, que “representava” com as palavras seguintes:

*Para encarnar la autoridad de un rey invisible y lejano como el de España era necesario, paradójicamente, un viney muy visible, con la suficiente jerarquía y dignidad para autorizar sus actos de gobierno e imponer la obediencia a da orgullosa oligarquía crioulla... distintos símbolos de potestad, como el ser recibido bajo palio procesional en su entrada triunfal de sus caballos en el carruaje y el goce de una escolta personal armada y un formada, la hermosa guardia de alabarderos (González, E., 2005, p. 378-379).*

A elite local, constituída de uma classe de novos ricos, consequência da exploração de riquezas minerais e agrárias e do tráfego dos índios, circulava pelos salões dos palácios, adulando os membros da corte. Os *crioullos* buscavam os favores dos governantes. A corte, hierarquicamente, era formada do vice-rei, sua esposa, damas e cavalheiros, mordomos, sacerdotes, capelãos, confessores, médicos, funcionários públicos, lacaios, pajens e todos os outros subalternos (barbeiros, alfaiates, ourives, cozinheiros, jardineiros, índios e escravizados. Um destaque ao séquito das damas da vice-rainha, que compunha um conjunto de 10 a 15 mulheres. Eram jovens da sociedade local que faziam funcionar a vida social da corte, com sua beleza, graça e alegria.

## O cotidiano na Nova Espanha

“El hecho más sobresaliente de esto período es que una buena parte de la vida cotidiana de muchos individuos se desarrollaba dentro de las cofradías, dos grêmios, las provincias religiosas, los cabildos eclesiásticos y civiles, das comunidades indígenas, etc. Las corporaciones eram el médio por el cual los individuos podiam hacer valer sus derechos ante el Estado, recibir asistencia social e incluso obtener ascenso personal.”

Rubial Garcia (2005, p. 12)

Já no século XVII, a cidade do México era muito populosa, formada por espanhóis (peninsulares e *crioullos*), indígenas de várias regiões, africanos e asiáticos, constituía-se em uma crucial amálgama de indivíduos de diferentes grupos étnicos, se comunicando em uma variedade de línguas. A disparidade se manifestava na condição econômica, nível social e situação legal. Por conseguinte, o cenário da vida urbana era onde se desenrolava o cotidiano das pessoas, marcado por uma sociedade de contrastes da época barroca.

A rotina cotidiana se estendia desde o amanhecer com o toque da avemaria até o anoitecer com o repicar dos sinos com os ângelus. Pelas ruas passavam tropas de muares, carroças; pelos canais transitavam canoas e barças com mercadorias para abastecer os mercado e as feiras.

As festas palacianas se desenrolavam nos salões ornados e iluminados. Eram encenadas peças teatrais, bailes suntuosos e alegres se estendem noite afora. Contudo, as festas mais festivas eram as religiosas. Procissões piedosas e solenes com andores enfeitados, eram participadas por todos, desde o vice-rei e o arcebispo até os mais humildes e mesmo escravizados. Com estandartes, as ruas decoradas com flores, palmeiras, alfombras e candelabros, eram iluminadas com enormes archotes, quando realizadas a noite. Aos sons de instrumentos musicais e rojões, os cânticos eram entoados, acompanhados de orações e litânicas, enquanto muitas pessoas se flagelavam, pagando seus pecados.

Por outro lado, durante este e outros séculos, a cidade sofreu desastres naturais, mais ou menos intensos, interferindo no cotidiano dos habitantes. Assim, chuvas torrenciais provocavam desabamentos e inundações, secas prolongadas, comprometendo as colheitas, incêndios grassavam pelas casas de adobe e de madeira, pragas atacavam as colheitas, alastravam epidemias e doenças contagiosas e os imprevisíveis terremotos e abalos sistêmicos eram frequentes e devastadores. Acrescentam-se à essas calamidades a corrupção insidiosa e o nepotismo prepotente.

## A literatura barroca mexicana

“O tema do barroco, na literatura e na poesia de Nova Espanha, exige uma reflexão à parte.”

Octavio Paz (2017, p. 65)

A Universidade, a Igreja e a Corte através da cátedra, do púlpito e do sarau dominaram uma cultura verbal, pois na época eram bem poucos os livros e compêndios. As publicações eram escassas, devido o controle e a proibição da Inquisição, impedindo impressões de romances e de ficção. Isto está claro, a “divisão tripartida da sociedade reaparece nas formas de intercâmbio intelectual: o sermão na Igreja; a lição, na aula; e a tertúlia, na corte e nas casas dos poderosos. O convento ocupa um lugar intermediário entre a Corte e a Igreja” (Paz, 2017, p. 74).

A estética barroca foi transplantada de Castela para o vice-reino da Nova Espanha. A literatura barroca se caracterizava por uma linguagem rebuscada, ornamentada, lançando mão do uso de figuras hiperbólicas, paradoxos e antíteses, com oposições entre teocentrismo (Deus) e o antropocentrismo (Homem). As metáforas, os sentimentos nos versos e nas prosas eram de formas exageradas. A estética se transmutava, se projetando com excesso de ornamento, requinte e exagero, e com profusões de adornos.

O barroco, como estilo artístico, surgiu no século XVI, estendendo-se até o século XVII. No contexto histórico se coloca em oposição à Reforma Luterana e ao Renascimento clássico. Daí sendo um movimento religioso estendendo-se pela arquitetura, especialmente de catedrais, palácios, esculturas e pinturas de santos, com representações bíblicas, divinas. A fundação da Companhia de Jesus (1534) foi uma forma de ensinamento e propagação da fé católica, como uma Contra-Reforma. Muitas vezes o estilo barroco foi confundido com o jesuítico.

Após a Reconquista, dos Grandes Descobrimentos, abrangendo a estética barroca, constituem o Século de Ouro, incluindo a Contra-Reforma e a Inquisição. A linguagem do cultismo, a novela cortesã, os entremez, a poesia, enfim a literatura barroca revelou os grandes nomes hispânicos. Lope de Vega, Cervantes, Calderón de la Barca, Francisco Quevedo, Santa Teresa, São João de la Cruz, Alarcón e outros tantos se destacaram na península ibérica. Do outro lado do Atlântico, na Nova Espanha: Sor Juana Inés, Gongora e Garcilaso de la Vega foram os grandes representantes das letras, da poesia e do teatro. Sor Juan Inés é considerada uma das principais figuras do Século de Ouro, a época de maior esplendor nas artes e nas letras. A *crioulla* é produto e causa do maneirismo, barroco mexicano. Isto se depreende da falta de compreensão do espírito barroco de ausência de sentimento.

Se ha dicho que las rimas amorosas de Sor Juana son frías, escritas sin sentimientos genuinos. De nuestro punto de vista, el problema de la expresión de los sentimientos acepta un aspecto diverso: los sentimientos no están ausentes, sino expresados de una manera diferente de aquella predominó durante el romanticismo y predominó en el rococó y el romanticismo (Peiser, 1943, p. 91).

Foi assim que Sor Juana em sua simplicidade e em seu pensamento não faltou sentimento nem calor, pois estas eram as expressões da estética barroca.

Foi nesta Nova Espanha, terras do novo mundo, cidade barroca do México, do século XVII, com suas mazelas e outras mais, que Juana Inés nasceu, cresceu, sonhou, sofreu, viveu e produziu seus versos, que chegaram até nós.

Precisamente en el siglo XVII, una monja jerónima lamentó no haber tenido ocasión de incorporarse a la universidad, por su condición femenina. Por supuesto, esa monja era Sor Juana, y aunque no está en duda lo excepcional de su caso, ese solo testimonio resulta revelador. Si la madre hubiese aceptado que la niña mudara de traje, disfrazándola de varon, esa misma transgresión hubiera sido un tributo la orden existente, que condenaba a la marginalidad a las mujeres por el hecho de serlo (González, G., 2005, p. 261-262).

## Juana Inés *crioulla* Mexicana

“Entre a vida e obra encontramos um terceiro termo: a sociedade, a história. Sor Juana é uma individualidade poderosa e sua obra possui inegável singularidade, ao mesmo tempo, a mulher e seus poemas, a freira e a intelectual se inserem numa sociedade: a Nova Espanha do final do século XVII.”

Octavio Paz (2017, p. 13)

Desta epígrafe destacamos a individualidade e a singularidade, como marcas na vida e na obra de Sor Juana Inés. Foi única em sua época, enquanto mulher, com seus encantos e seus versos líricos, brilhando nos salões da corte. Foi singular, enquanto freira, desabrochando sua vida intelectual, em uma cela de convento. E, notadamente, enquanto poetisa barroca, ocupando lugar de destaque no panteão do Século de Ouro espanhol.

A vida e a obra desta sóror, que antes de tudo era mulher e *crioulla*, é um mosaico colorido, vívido, barroco e mexicano, e quem nos conta com detalhes e suposições de sua trajetória é Octavio Paz (2017), revelando as “armadilhas da fé”.

Naci donde los rayos solares  
mirasen en hito no bizcos,  
como de otras partes.<sup>1</sup>

Juana Ramirez de Asbaje veio à luz em 12 de novembro de 1651, em San Miguel Nepantla, um lugarejo, nas fraldas do imponente Popocatepett, vulcão encimado com neves eternas. Sem certidão de batismo, sem registro do nome do pai. Foi batizada filha da Igreja, tendo como seus padrinhos Miguel Ramírez e Beatriz Ramírez, irmãos de sua mãe. O testamento de sua mãe Isabel Ramírez de Santillana refere-se aos filhos, todos naturais. Pouco se sabe de seu pai, Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machesca, um basco. Assim se defende de sua ilegitimidade, de sua situação filial:

El no ser de padre honrado,  
Fuera defecto, a mi ver,  
Si como recibir el ser  
De él, se lo hubiera yo dado.  
Más piadosa fue tu madre.  
Que hizo que a muchas sucedas:  
Para que, entre tanto, puedas  
Tomar el que más te criache.

Toda a sua família fora *crioulla*: seu padrasto, e os maridos de suas irmãs. Apenas seus avós maternos Pedro Ramírez de Santillana e Beatriz Rendon eram de origem andaluza. Foi criada pelo avô, arrendatário de terras e com algumas posses. Viveu como Juana Inés Ramírez de Asbaje, até entrar em um convento (Paz, 2017, p. 85-89).

Desde pequena se refugiava na biblioteca do avô. Aprendera a ler e a escrever aos cinco ou seis anos. Lia todos os livros que estivessem ao seu alcance. Aprendeu latim para ter acesso à literatura clássica: Ovídio, Cícero, Virgílio. Ansiava, ardentemente ingressar na Universidade, que lhe fora proibida por ser mulher. Embalde, tentara convencer sua mãe a modificar a sua aparência, cortando as madeixas e usando trajes masculinos. Após, a morte do avô, aos 11 anos foi enviada à cidade do México, a viver em casa dos Mata, seus tios, onde sentiu a solidão, mas não isolamento:

A solidão, de novo, apresenta-se como seu elemento natural, sua condição original – Juana Inés é uma planta que cresce numa terra de ninguém. Também, é um destino: a solidão é a estrela – o signo, a sina – que guia seus passos em seu caminhar pelo mundo é um desprendimento dele e um internar-se em si própria (Paz, 2017, p. 112).



A sua beleza, a sua assombrosa inteligência e o seu brilho chamaram a atenção ao ingressar na corte. Pois, seus tios, após oito anos de convivência, decidiram apresentá-la à nova vice-rainha, que acabara de chegar ao México. Juana Inés torna-se a protegida da Marquesa de Mancera. Ambas curtiam o mesmo amor e apreço pelas letras. Por sua vez, surge em Juana Inés um sentido de gratidão, de amizade platônica e uma afinidade espiritual e afetiva. As galanterias palacianas perpassaram pela literatura, teatro, bailes esplêndidos nas tertúlias, nos jogos de salão. “O platonismo se insere de modo natural nesse contexto social: o amor ascende do corpo à alma – e as almas, como Sor Juana não se cansa de repetir não tem sexo” (Paz, 2017, p. 119).

Até aos 20 anos, Juana Inés conviveu na corte luxuosa e sofisticada da Nova Espanha, participando de festas, de jogos e de todas as “galanterias palacianas”, com trovadores, com poemas de amor. Sua posição é de destaque pelo brilho, graça e coqueteria emanados de sua pessoa. Tornou-se o centro, pelos méritos próprios: beleza, descrição e elegância, tentando, sempre, esconder sua insegurança de seu nascimento, pobreza e ausência de família. Porém, dispunha das chances para abrir as portas da sociedade: vivacidade, alegria, sabedoria e de seus escritos e poemas, surpreendendo sempre pela lucidez, perfeição, ousadia e popularidade.

De repente, em plena fama e brilho, já tendo recebido a admiração de eruditos e palacianos, sendo lisonjeada pela beleza e por seu saber decide, como monja, entrar para a Ordem das Carmelitas Descalças. Por razões, não claras, desiste da vida conventual com as Carmelitas e regressa à sociedade cortesã. Após, um ano, retorna à vida claustral. Desta vez, para ingressar no convento da Ordem dos Jerônimos, com disciplina mais branda, não tão rigorosa e severa quanto às Carmelitas. Sem dote e sem família, o recolhimento se lhe apresentou o mais conveniente. “Vestir o hábito era uma solução corrente na época. O caso de Sor Juana não foi excepcional: em sua família, além de sua sobrinha Isabel Maria de Sangresé, duas das filhas de sua meia-irmã Inés, professaram no San Jerônimo” (Paz, 2017, p. 132).

Houve muita celeuma sobre as razões e motivos de Sor Juana professar os hábitos. Uns alegaram sua vocação religiosa; outros a procura de conhecimento. Para Octávio Paz (2017, p. 134) “as circunstâncias básicas são a bastardia, a pobreza e a ausência do pai” que concorreram para essa decisão. “Enquanto viveu no palácio, Juana Inés deve, muitas vezes, ter feito esta reflexão: não tenho fortuna, nem nome, nem pai. Era uma dama da vice-rainha, mas os vice-reis duravam poucos anos nos cargos e iam embora para não mais voltar” (Paz, 2017, p. 135).

## Soror Juana Inés de la Cruz

“Sua escolha não resultou de uma crise espiritual nem de um desgosto sentimental. Foi uma decisão sensata, coerente com a moral da época e com os usos e as convicções da sua classe. O convento não era escada em direção a Deus, mas refúgio de uma mulher que estava sozinha no mundo.”

Octavio Paz (2017, p. 138)

Em fins do século XVII, a Nova Espanha dispunha de cerca de 22 conventos femininos. Dentro de seu muros viviam, além das freiras, suas favorecidas e sua criadagem que deviam obediência e fidelidade aos donos, sem receberem nenhuma remuneração. Apenas recebiam casa, mesa e segurança. As celas eram espaçosas, pois continham cozinha, banheiro, salas, quartos de dormir. A clausura era pouco respeitada. As monjas não saíam, mas recebiam muitas visitas. Frequentavam os conventos pregadores, confessores e seculares. Daí, que os prédios eram grandes construções, em geral com dois andares, um amplo pátio, hortas e jardins. A vida social dentro dos conventos eram espaços culturais, pois aí ocorriam tertúlias, representações teatrais, até bailes e banquetes.

A própria cela de Sor Juana Inés era individual e entulhada de livros, papéis, escritos. Ela desempenhou vários labores, sendo arquivista e contadora. Participava, ativamente em saraus culturais, musicais e teatrais. Ela mesma compôs inúmeras canções de loas, vilana-

cetes. Os deveres religiosos se iniciavam às seis da manhã, estendendo ao meio dia e até as vésperas. Eram observados os jejuns, as penitências, os atos litúrgicos diários, como as missas e as rezas. Sor Juana Inés se dedicava à leitura de enciclopédias, tratados de mitologia, filosofia, história; e também, à escrita de uma obra literária profícua e variegada de assuntos de cartas longas e prolixas e especialmente aos seus poemas líricos.

É Octávio Paz (2017, p. 159-160) que nos desvela:

A avidez de Sor Juana pela comunicação escrita revela certo oportunismo, uma ânsia imoderada para conhecer e ser conhecida. Vaidade, sim, mas também solidão. Aflição, asfixia: o convento era limitado para ela, o país também. Mais: o próprio mundo. Seus verdadeiros contemporâneos não estavam nem em Madri, nem em Lima, nem no México, mas naquela Europa de fins do século XVII que se preparava para inaugurar a era moderna e à qual Espanha dera as costas.

Soror Juana esteve o tempo todo de sua vida terrena sempre à frente de sua época, de sua história e, também de sua geografia. Atualmente, como mulher poderia ser rotulada como a primeira feminista da América; como poeta deve ser considerada vanguardista e como intelectual foi conhecida por ser o “gênio de seu século”. Apesar do seu sexo ter sido um impedimento, não natural, mas social, constatou que o saber e a inteligência não são prerrogativas dos homens e a ignorância e as bobagens exclusividade das mulheres.

Sor Juana reiterava o seu caráter reservado e evasivo, com estas palavras:

Fiz-me religiosa porque, embora soubesse que essa condição tinha muitas coisas (falo das acessórias, não das formais) repugnantes ao meu temperamento, contudo, dada a total negação que possuía ao casamento, era o menos desarrazoado e o mais decente que podia escolher em matéria da segurança que desejava para minha salvação; a cujo primeiro respeito (como ao fim mais importante), cederam e se submeteram ao jugo todas as pequenas impertinências do meu caráter: querer viver sozinha; não querer ter ocupação obrigatória que atrapalhasse a liberdade do meu estudo, nem rumor da comunidade que impedisse o sossegado silêncio de meus livros (Paz, 2017, p. 137-138).

Sor Juana Inés viveu a maior parte de sua vida entre os muros do convento das Carmelitas, e dentro de sua cela de dimensões consideráveis. Todas as suas criações literárias refletem a visão barroca mexicana. O próprio Paz (2015), em seu “O labirinto da solidão”, afirma que Sor Juana encarnou as contradições do México colonial, de forma magistral, conciliando ciência e poesia, barroquismo e iluminismo.

A lírica de Sor Juana Inés de la Cruz emudece em 17 de abril de 1695, quando morre por contágio, vítima de uma peste que assolou o povo daquela cidade.

*Para cortar el hilo que no hiló,  
La tijera mortal abierta vi.  
[...]  
De aquella fatal tijera,  
Sonaban a mis oídos,  
Onestamente hemarados,  
Los inexorables hilos.  
(Cruz apud Paz, 2017, p. 163).*

## Sor Juana Inés, a décima musa

“As musas, filhas de Júpiter e Mnemósine (memória), eram as deusas do canto e da memória. Em número de nove, tinham as musas a seu encargo, cada uma separadamente, um ramo especial.”

Bulfinch (2002, p.15)

No Século de Ouro espanhol, em pleno século XVIII, de cores barrocas, surgiu uma constelação de grandes nomes masculinos (Calderón de la Barca, Lope de Vega, Gongora e outros) que com seus encantos e prestígios iluminaram sua época e se refletiram até nós.

Mas, do outro lado do mundo, integrando esta plêiade, e se destacando pela sua poesia e prosa, tão barroca quanto mexicana, aparece o nome feminino de Sor Juana Inés de La Cruz. A sua condição teológica e literária, sua poética e barroca, introduz nas letras espanholas uma frescura feminina, provinda dos altiplanos mexicanos. Diante deste quadro Karl Vossler (1936) cognominou a Sor Juana Inés de la Cruz a “décima musa de México”.

Sor Juana Inés, tornou-se quase que uma parte efêmera do México, tocando a todos em todas as camadas subjacentes do ser; seja no espiritual, ou no enlevo poético e filosófico. Fazendo da mesma uma grande estreia brilhante entre o ávido México, sua complexidade, autonomia e versatilidade, confirmando como a Décima Musa. Por vezes sedutora, tanto no sentido popular, quanto intelectualmente estimulante, Juana Inés era enigmática, e sua trajetória de vida, assemelha-se ao México, grandes desfiladeiros tortuosos e intrigantes em seus níveis e desníveis. A beleza dos olhos de uma poeta, as mãos ágeis de uma freira que rezava, e a menina sapeca que serpenteava por entre a corte da Nova Espanha. Torna-se impossível citar o rumo da literatura feminina mundial ou da história literária do México, sem visibilizar a caminhada lírica de Juana Inés.

Contextualizando o momento e escolas literárias que influenciaram a mesma, se deve lembrar que a Nova Espanha, possuía uma amplitude cultural admirável, tanto por parte dos espanhóis que colonizaram, quanto pelos povos indígenas que ali existiam, e Inés é fruto da miscelânea cultural, aproveitando o melhor dos dois mundos.

O trânsito da época se situava entre Maneirismo e o período Barroco, que apesar de coexistirem até a transição completa para o Barroco, se diferenciavam de forma incisiva. O maneirismo espanhol influenciando a nação mexicana trazendo o poder da intelectualidade, a tensão nas obras, densidade necessária para criar expressividade e sentimentos aflorados e elegância, distancia-se do Ideal Barroco que é detalhista, religioso e o exagerado nas formas.

Uma das formas literárias mais exploradas por Juana Inés foram os Villancicos, que vieram de influência espanhola, e era largamente usado por toda Península Ibérica, e posteriormente para seus países colonizados, dividindo-se no poema como Mote (que atualmente pode ser descrito como refrão), e as glossas (demais estrofes), possuía uma forte característica musical e era considerada popular. Entretanto seu vasto conhecimento propiciou o desenvolvimento das mais diversas formas poéticas, dentre elas podemos encontrar os sonetos, alegorias satíricas e filosóficas, e muito mais.

### “Primer sueño”

“Juana Inés es una niña prodigio y su gloria rápida y ruidosa a uno y otro lado del océano, un milagro de enlace espiritual entre la colonia y la tierra materna.”

Vossler (1936, p. 19)

Este prodígio de Sor Juana se deu sem rádio ou de uma comunicação rápida, senão por um entendimento intelectual e cultural e pelo seu virtuosismo inato. Era versada em todos os gêneros e métrica da literatura espanhola, ombreando com Gongora, Calderón e Lope de Vega. Contudo, o que se assoma era a improvisação, estilo de conversação e essencialmente o seu temperamento feminino. “*Su manera especial y propia se aprecia mejor en el poema “Primer sueño”, escrito a la edad de 35 a 40 años no solamente para imitar y competir con Gongora, sino ante todo, para llamar la atención*” (Vossler, 1936, p.19).

Este poema, “*Primer Sueño*”, completo e enigmático é uma silva, isto é, uma composição poética de decassílabo alternadas com versos hexassílabas. Ritmados, rimados, quase sem interrupção, num total de 925 versos. Indo e vindo, para frente e para trás, se enredando em um labirinto, até se romper por um encanto mágico. Sor Juana solta sua alma poética “*ahora la fantasia calmada, pinta con el invisible lápiz espiritual, las imagens de todas las cosas, los colores y contornos de todas criaturas bajo la luna [...]*” (Vossler, 1936, p. 20). Ao ser publicado,

em Sevilha, em 1692, causou admiração surpresa e frisson entre os leitores, dada a complexidade do tema e transbordado em metáforas, alusões e alegorias.

Os eruditos e literatos que têm se dedicado a interpretar o “*Primer sueño*”, têm proposto, com pequenas variações do formato como sendo um só tecido de vários fios e diferentes cores. Basicamente a estrutura temática compreende, ao todo, três partes: “*la noche, vv 1-291*”; “*el sueño, vv 292-826*”; e “*el despertar vv 827-975*”.

- 1) el “*sueño de la noche y de la vigilancia noturna*”;
  - 2) el “*sueño del sueño universal del mundo*”;
  - 3) el “*sueño del sueño del hombre*”;
  - 4) el “*sueño del los sueños*”
  - 5) el “*sueño de la persuasión del conocimiento*”, y
  - 6) el “*sueño del despertar*”
- (Buxó, 2006, p. 280).

As imagens poéticas de Sor Juana procedem, não de seus sonhos verdadeiros, mas sim, brotam de sua cultura humanista e barroca, mediante um discurso letrado e elegante. Perpassam figuras mitológicas desvelando o seu assombro diante do mistério natural do Homem e do Universo. As palavras do poema perseguem o funcionamento do sonho, do coração, dos pulmões, da digestão, da respiração, em suma o sustento do cérebro.

Por outro lado, Robert Richard (apud Paz, 2017, p. 445) interpretando o “*Primer sueño*”, reconhece três partes: “*el dormir, el viaje y el despertar*”, desdobrando-se em sete partes. Utiliza a palavra dormir em lugar de sonho, ficando assim:

- 1ª parte: Dormir
- 1) “*El dormir del mundo*”
  - 2) “*El dormir del cuerpo*”
- 2ª parte: Viagem
- 3) “*La vision*”
  - 4) “*Las categorias*”
  - 5) “*Falton*”
- 3ª parte: Despertar
- 6) “*El despertar del cuerpo*”
  - 7) “*El despertar del mundo*”.

Por estas e outras exegeses, os críticos vêm se debruçando sobre os versos do “*Primer sueño*”, de Sor Juana. O que se constata é que *el sueño* não se passa em uma única noite, e sim, foi sonhado, vivido e versegado durante noites e dias em busca do conhecimento. Por toda a sua vida, esta aluna inquieta persistiu a procura de entender os desvãos da vida, os mistérios do homem e os enigmas do mundo.

A seguir um trecho de “*Primer sueño*”:

y en la quietud contenta  
de imperio silencioso,  
sumidas sólo voces consentía  
de las noturnas aves,  
tan oscuras, tan graves,  
que auns el silencio no se interrumpia.

Mais adiante, Sor Juana desvela os efeitos corporais do próprio sonho:

*El ama, pues, suspensa  
del exterior gobierno [...]  
Solamente dispensa  
remota, si del todo separadas  
no, a los de muerte temporal opresos  
languidos miembros, sosegados huesos,  
los gases del calor vegetativo,  
el cuerpo siendo, en sosegada calma,  
un cadáver con alma,  
muerto a la vida ya la muerte vivo [...]*

A estética barroca presente em seus versos, com imagens do cosmo, com imagens noturnas, da pirâmide projetando a Terra sobre a lua e as remotas estrelas. Assim, foram escritas suas palavras:

*Piramidal, funesta a tierra  
nacida sombra, al cielo encaminaba  
de varios obeliscos punta altiva,  
escalar pretendiendo la estrella*

Deve-se destacar que “*Primer sueño*” foi a única obra que a monja mexicana escreveu sem ter sido encomendada, senão foi escrita por sua própria vontade.

## A pergunta que persiste

“As lutas e o fim de Juana Inés de la Cruz são um capítulo impressionante da história entre a liberdade intelectual e o poder, o gênio individual e as burocracias ideológicas.”  
Octavio Paz (2017, p. 577)

À guisa de conclusão lançamos esta pergunta, que vem persistindo através dos tempos e das sociedades: como explicar que tenha se desabrochado em terra da Nova Espanha em pleno século XVII, em um convento mexicano, esta *crioulla*, Sor Juana Inés de la Cruz, assombrando e iluminando as letras espanholas? Isto tudo, em uma geografia vulcânica, montanhosa e engastada entre esses dois grandes oceanos e em uma história tão atormentada, sangrenta e milenar, no planalto de Anauc, foi que surgiu esta figura que vai atravessar os séculos e os continentes – a décima musa da literatura barroca.

Sor Joana Inés expressa em sua escrita uma geograficidade no sentido dardeliano. Ao escrever sobre os enigmas do homem e do mundo, a poetiza expressa a relação mais íntima entre o Homem e a Terra; relação vivida, experienciada, sonhada, tal qual o pensamento de Dardel (2011). Ao escrever sobre esta geograficidade, Sor Joana dialoga com a geografia que constitui todas as pessoas, o que pode ter contribuído para que suas palavras permaneçam potentes ainda no século XXI.

Mas é de uma América profunda também que brotam seus versos. Uma trajetória que é também de um continente: do hibridismo e da violência; da devoção que remete à espiritualidade que é o mistério terreno, em suas dores. Terra e céu em nossa condição terrena.

Considerada como uma musa, pela inclinação especial revelada nas letras e pelos elogios e comentários recebidos. Ainda, conhecida como a “fenix das Américas”, por sua erudição e inúmeras publicações. Dentre estas se destacam: “Neptuno alegórico”, “Autodefesa Espiritual”, mais conhecido como “Carta de Monterrey”, “Sor Filotea de la Cruz”, “Primer Sueño”, “Carta Atenagórica”. Foram muitos “villancicos”, “redondillos”, sonetos, poesias, músicas, romances, cartas, respostas.

Teve a ousadia a desafiar o ilustre padre Antonio Vieira, contestando afirmações feitas pelo insigne orador sobre os limites entre Deus e os homens, as diferenças entre o amor divino e humano, enviando a famosa “Carta Atenagórica”.

Ela foi retratada, sempre usando os seus hábitos de freira e rodeada de livros e apontamentos. Viveu dos 16 aos 20 anos, sua vida palaciana, ao lado das vice-rainhas, tendo sido protegida por elas: Dona Leonor Carreto, marquesa de Mancera e Dona Maria Luisa Manrique, condessa e marquesa de Paredes. A amizade, os conselhos recebidos, os sentimentos de gratidão e afinidades espirituais uniram platonicamente essas almas sedentas de amor e de cultura (Paz, 2017, p. 116). O seu confessor e guia espiritual padre Manuel Nuñez de Miranda, foi aquela pessoa que esteve muito ligada à vida conventual de Sor Juana Inés.

Seu retrato espiritual pode ser delineado através de sua linguagem intelectual e amorosa, por espaços alegres, por sua experiência de um mundo além dos sentidos, mais uma peregrinação da alma, não contemplativa, mas pela busca do saber. Para Sor Juana (apud Paz, 2017, p. 435) “a alma está sozinha, não diante de Deus, mas sim de um espaço sem nome e sem limite”.

## Referências

- BULTINCH, Thomas. **O livro de ouro da Mitologia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BUXÓ, Jose Pascual. **Sor Juana Inés de La Cruz, lectura barroca de la poesía**. Madrid: Renacimiento, 2006.
- CHUFANI ZENDEJAS, Julieta. **Antologia de Sor Juana Inés de la Cruz**. México: Lectorun, 2013.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GONZÁLEZ, Escamillia. La corte de lós Vineys. In: GARCIA, Rubial et al (Org.) **A cidade barroca**. México: FCE/COLMEX, 2005.
- GONZÁLEZ, González. La Universidad: Estudiantes y doctores. In: GARCIA, Rubial; et al (Org.) **A cidade barroca**. México: FCE/COLMEX, 2005.
- HOLZER, Werther. Mundo e lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o Espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz ou As armadilhas da fé**. Tradução de Waldir Dupont. México: UBU Editora, 2017.
- PEISER, Werner. El barroco en la literatura mexicana. **Revista Ibero Americana**. Vol. VI, nº 11, p. 77-93, 1943.
- RUBIAL GARCIA, Antonio (Coord.). **A cidade Barroca**, Tomo II. Dirigido por Pilar Gonzalbo Aisprun. História de la vida cotidiana en México. México: FCE/Culmex, 2005, p.611.
- VOSSLER, Karl. La decima musa de México Sor Juana Inés de la Cruz. Tradución Mariana Frenk y Arqueles Vela. **Revista de la Universidad de México**, october, p. 15-24, 1936.

## Notas

1. Salvo outra indicação, todas as citações de poemas de Sor Juana de Inés de la Cruz são citados a partir da antologia organizada por Julieta Chufani Zendejas (2013), consultado em edição e-book, sem numeração de páginas.